

O NOVO ROMANCE DE HERBERTO SALES

José Augusto Guerra

Como entender que um ficcionista de temas regionais volte-se para o futuro e, criando uma ilha imaginária, após "os grandes terremotos que acabaram com o mundo", nela construa uma trama romanesca? Ontem, os cascalhos dos garimpos baianos, o pântano dos marimbus, as recordações de um velho tio, o finado Marcelino; agora, Herberto Sales, surpreendendo e provavelmente surpreendendo-se, retorna à ficção com um romance que se impõe como experiência nova em sua arte e na própria literatura brasileira: **O Fruto do Vosso Ventre**. (1)

Convenhamos: não somos inclinados à inventiva do fantástico ou do fantasmagórico. Escassa é a nossa ficção enigmática. Pés na terra, nossos escritores continuam a explorar, ora o filão já um tanto esbatido do realismo sociológico, ora os permanentes conflitos psicológicos. Não temos ainda um escritor ao nível de um Jorge Luís Borges, criador de labirintos oníricos, e até mesmo na literatura policial, que não deixa de possuir sua aura de interrogação e mistério, embora ocupemos posição sinistra na estatística do crime e da complacência, não conseguimos ainda criar, em condições de verossimilhança, seu principal personagem: o detetive.

De repente, Herberto Sales toma um rumo que não é uma guinada de cento e oitenta graus, mas um salto no tempo e no espaço. Supõe uma época em que os mundos terão passado e a geografia, em vez de continental, é apenas insular. Sobreviventes do cataclismo, os homens retomam o fio da meada e edificam uma civilização com os resquícios do que sobrara da catástrofe.

Uma fábula? Perdem-se no tempo as concepções literárias em torno de mundos imaginários. De Platão a Wells, com escala obrigatória em Thomas More, Campanela e Bacon, percebe-se o anseio

por uma sociedade edênica, em que se respondam a todas as indagações e se extingam, de vez, as contradições do convívio humano. Nostálgicos de um paraíso perdido, esses criadores de ilhas em lugares remotos refletem o afã de retorno a um tempo em que os homens teriam sido a afirmação bíblica da "imagem e semelhança de Deus."

Se nas narrativas fantasiosas da **Utopia** e da **Nova Atlântida**, Thomas More e Francis Bacon admitiam a possibilidade de uma estrutura social que libertasse os homens de suas misérias e iniquidades, em nossa época essas concepções de fundo místico cedem lugar a um realismo que se diz científico com base em projeções sócio-ideológicas. Os bebês gerados em provetas que Aldous Huxley imagina em **Admirável Mundo Novo** fazem parte de um esquema social em que todas as coisas são rigorosamente somadas, medidas e contadas. Em 1984, George Orwell, tomando por base a brutalidade do nazismo e o terror do stalinismo, profetizou uma ditadura tão despótica que "nada pertencia ao indivíduo, com exceção de alguns centímetros cúbicos dentro do crânio"...

Distintas, portanto, as linhas de criatividade entre os que se aventuram além do real. Idealizavam, os utopistas de ontem, uma sociedade tanto quanto possível perfeita, em que os homens, vencidos os demônios interiores que neles se instalaram depois da queda, viveriam segundo as antevisões do profeta Isaías. Por serem estados teocráticos, a obediência às leis maiores do comportamento humano conduziriam a uma sociedade de valores incomparáveis.

Basta atentar para o realce à moral. Na ilha de More, "a ociosidade e a preguiça são impossíveis. Não se vêem nem tabernas, nem lugares de prostituição, nem oportunidade para deboches, nem antros ocultos, nem assembléias secretas... O bem-estar se reparte, igualmente por todos os membros desta admirável sociedade: a mendicância e a miséria são aí monstros desconhecidos." (2) Na ilha de Bacon, é ainda no mais alto estágio moral que se firma a felicidade de seus habitantes: "Vós entendeis (diz o judeu Joabin aos visitantes) que não há sob os céus nação tão casta como Bensalém, nem tão livre da corrupção e da torpeza." (3)

A medida que o sopro de doutrinas racionalistas passa a conferir maior autonomia ao homem, que se emancipa da moral religiosa e institui a moral antropocêntrica, os utopistas do otimismo são substituídos pelos antiutopistas do século XX. More e Campanela optavam pelo bom senso na busca de maior dignidade ao homem; Huxley e Orwell em face de tanta insensatez provocada pelo "culto cego da liberdade" de que fala Carrel (4), abismam-se no **non sense**, para onde vem resvalando, atônita, a nossa civilização. Se, exceção à regra, um James Hilton, norte-americano,

inventou Shangri-lá, vale a pena lembrar que seu governo é teocrático...

E a Ilha, de Herberto Sales? Em vez da teocracia medieval, a Ilha é governada por tecnocratas, esses deuses ou semideuses do nosso tempo. Começa a narrativa, quando está em evidência um problema seríssimo. Não, não é a crise do petróleo, a inflação, o terrorismo, os tóxicos, a poluição ou a abundância de leis. Aconteceu que os habitantes da Ilha, após certo cataclismo sísmico, resolveram criar coelhos. E tantos coelhos havia na Ilha ("Mas quem mandou os coelhos procriarem tanto?") que, tornando-se mais numerosos que a população humana, tudo devoravam. Que fazer para conter a terrível ameaça à sobrevivência dos homens? Condená-los à morte. "E com isto se acabaram os coelhos", diz o narrador.

Breve, outro problema maior se armou nas projeções dos economistas e cientistas sociais da Ilha. É que "os homens começaram a procriar quase tanto quanto os coelhos. E, no fim de algum tempo, do mesmo modo que os coelhos tinham sido uma ameaça à sobrevivência dos homens, estes passaram a ser uma ameaça à sobrevivência de si próprios, pois havia na Ilha homens demais para comer."

Dai em diante — e mal percorremos as seis primeiras páginas do romance — começa a fabulação de Herberto Sales em torno do tema fundamental de **O Fruto do Vosso Ventre**: os homens contra o homem. Não espere o leitor eruditas exposições científicas ou filosóficas à Huxley sobre a vida humana ameaçada; nem tampouco diálogos intermináveis sobre o problema demográfico, o sufrágio universal, a pílula e suas implicações no metabolismo feminino. Nada de complexas elocubrações sobre Deus e o mundo. Na economia planificada da Ilha, só um problema ocupa os cérebros governamentais: toda uma população ameaçada pelos ventres das mulheres grávidas. Contra esses ventres grávidos, a pretexto de evitar que se morra de fome, as autoridades elaboraram planos sobre planos, que, num crescendo, desde o aborto ao uso da pílula obrigatória, terminam pela medida final, a **Operação Violeta**, — a pena de morte. Morte às mulheres grávidas.

Se em Huxley, a morte do Selvagem, dopado pelo soma, e em Orwell a degradação de Winston imerso na bem-aventurança do gim e louvando o Grande Irmão, configuram o cerrar da cortina de seus universos desesperados, em **O Fruto do Vosso Ventre** Herberto Sales acrescenta, à narrativa, esperança e ressurreição. E, na perene linguagem do orientalismo bíblico, faz renascer na Ilha, contrariando em tudo a rigidez dos cânones tecnocráticos em suas concepções ora cartesianas, ora hegelianas, a presença da vida. De que modo? Nasce um menino, filho de Maria e José, o carpinteiro. E trinta anos depois, este menino tornado homem, volta à Ilha,

que passa a ser governada, não pelos tecnocratas, mas pelas crianças, depois de novo cataclismo.

X—X—X—X

À primeira vista, numa tentativa de, cedendo-se ao impulso de tudo conceituar ou enquadrar, **O Fruto do Vosso Ventre** se encaixaria bem na moldura da sátira. Limitados às fórmulas, à linguagem iniciática, seja o economês, seja o medicinês ou mesmo à criptográfica mensagem dos que se valorizam menos pelas certezas do que pelas probabilidades, os tecnocratas são vistos como criaturas fechadas em seus esquemas, tudo condicionando às variantes de seus parâmetros com suas codificações enigmáticas. Na aparência da moldura satírica — uma sátira que ridiculariza a organização burocrática das siglas, dos codinomes e se estende ao estilo da expressão e da linguagem burocrática — Herberto Sales fere mais fundo o problema. Vai mais além da arte de tornar sutil a ironia, de transformar os **jeux de mots** em gracejos, de fazer rir à custa da estupidez de quantos se consideram os senhores onipotentes do governo dos homens e da própria Ilha. E salienta certas realidades que, se alguma semelhança têm com as de nossa época, não será mera coincidência.

Numa sociedade onde todos os problemas são resolvidos tecnicamente, a morte se apresenta como solução recomendada: primeiro, os coelhos; depois, os fetos; por fim, as mulheres que engravidassem. Na verdade, coelhos, fetos e mulheres grávidas são executados em operações tecnicamente bem coordenadas. Mas, para que se chegasse a tanto, segundo o rigor das mais modernas tecnologias, tornou-se necessário que alguns fatos ocorressem e, à maneira de causa e efeito, conduzissem o processo de governo da Ilha às soluções consideradas tecnicamente perfeitas.

Na Ilha de Herberto Sales os homens julgavam ter alcançado o mais alto estágio da perfeição. Em substituição "às velhas estruturas sócio-comunitárias repressivas", erguera-se uma sociedade nova, avançada, liberta de preconceitos. Em permanente reforma vocabular, dicionários e enciclopédias suprimiam ou alteravam o significado de palavras que lembrassem crenças e mitos do **ancien régime**. Deus e a religião foram extintos por decreto. Aboliram-se os cultos; fecharam-se as igrejas, os padres jogaram fora a batina e passaram a vestir-se como os leigos, sem ao menos usar qualquer sinal que os identificasse. Instituída a liberdade sexual, aboliu-se o culto à virgindade e o comportamento sócio-sexual, segundo o narrador, passou a obedecer às normas de um **best-seller**, com edição esgotada, e que também esgotava o assunto: **Sexo Global ou da Função do Sexo na Constituição das Sociedades ou da Presença do Homem e da Mulher na Comunidade e a Relação entre eles Existente a partir do Elo Conjugal Macho-Fêmea**. Tão massi-

ficada a sociedade que até em estratégia habitacional proibira-se a norma milenar de dar às ruas nome de gente, "manifestação típica do culto do individualismo." Por que um endereço com nome de pessoa, seja quem quer que tenha sido? Raciocinaram os técnicos em nomenclatura urbana da CETEC (Central de Tecnologia): "Se um endereço era o meio de que se servia uma pessoa para localizar outra, não se justificava que essa pessoa, para chegar onde queria, fosse obrigada a ler, numa placa de rua, o nome de uma terceira pessoa, que nada tinha que ver com as outras duas."

Contrariando as previsões tecnológicas, algo ocorrera na Ilha que alterara profundamente os planos de industrialização em grande escala. Com o desemprego provocado pela máquina, voltava-se, em alguns setores, à prática do artesanato. Subvertendo o processo de massificação, ressurgem na Ilha as antigas profissões da economia medieval, que pareciam definitivamente banidas. É entre esses artesãos que Herberto Sales escolhe suas personagens e as designa nominalmente: o sapateiro Teodorico; Pedro, o tanoeiro; o latoeiro Estevão. E por fim José, o carpinteiro, Maria e o Filho.

x—x—x—x

Voltemos à pergunta inicial sobre a temática de **O Fruto do Vosso Ventre**, num ficcionista de componentes regionais. Encontra-se a resposta na dramaticidade com que Herberto Sales sublinha os temas de seus romances. Importa-lhe a criatura humana, não só em seus direitos e em seus deveres, anverso e reverso da mesma página, mas em sua integral vivência. O homem e seus valores eternos. São esses valores que Herberto Sales procura realçar, seja na denúncia das condições de exploração nos garimpos e nas matas do Andaraí, seja ao considerar a perplexidade de um memorialista ao exumar as origens de um fato considerado acidental, a morte do finado Marcelino. E agora, num antevisão da tragédia cujos sinais, neste fim de século, são tão evidentes, Herberto Sales configura o homem reduzido à simples expressão numérica, subproduto de estruturas econômicas ou biológicas, mero artefato manufaturado pela tecnologia.

Quando escreveu sobre **Cascalho**, Adonias Filho confessou ter encontrado no áspero universo do romance "o processo de descoberta interior, intemporal é sepulto no mistério do homem". Para acrescentar: "A exploração do garimpo é secundária, mesmo subsidiária, em face do conflito que engendra. O que repercute não é o sistema de trabalho, não são as conseqüências econômicas, mas a ambição própria, o desejo de mando, sempre os elementos presentes em qualquer parte e em qualquer época." (5)

O Fruto do Vosso Ventre vem confirmar que o processo da descoberta interior se amplia. Em face das contrafações do nosso tempo, Herberto Sales não se inclina em reeditar o documentário

social. Documentário hoje acrescido de quanta permissividade vem resultando numa literatura fabricada por escritores preocupados tão só em escandalizar, pela morbidez dos temas, pela cruza da linguagem. Uma literatura que se empenha em documentar, mas que se omite na análise dos comportamentos. Na verdade, pobres escritores que manipulam uma literatura pobre, como se a reprodução de episódios de que participam personagens patológicas por si só bastasse, mesmo quando a intenção é criar uma obra de arte. Pobres escritores que em nome da liberdade criadora, transformam seus contos, seus romances, suas peças de teatro, seus poemas seus roteiros de cinema, rádio e TV, em instrumentos de deliquescência social e também de delinqüência cultural. Não percebem — ou fingem não perceber — que, monocórdios, chegam a regredir na qualidade estética. Não devido à presença ostensiva do palavrão ou do erótico, mas porque, jurando fidelidade ao fotográfico, pouco acrescentam à análise do homem como personagem e à grandeza do artista, como criador.

Herberto Sales empenhou-se em caricaturar uma sociedade que, antropocêntrica, olhando tecnicamente para o próprio umbigo, termina praticando o haraquiri. Sob o manto diáfano não só da fantasia mas do fino humor, escalpa uma civilização que tudo condiciona à última palavra da técnica, na premissa de que aos técnicos cabe sempre a última palavra. Fiados em seus critérios experimentais, em suas objetividades, os técnicos que povoam a Ilha não se distinguem uns dos outros. E porque se assemelham — uma semelhança monótona em tudo o que dizem e contradizem — não são identificados sequer pelas suas fisionomias. Não se lhes conhece nome e rosto. Possuindo o mesmo quociente intelectual tecnológico, o mesmo nível de objetividade ou arrogância, semelhantes em tudo até nos cacoetes, os técnicos falam a mesma linguagem burocrática que Herberto Sales caricatura como escritor de linhagem clássica.

Não quer isto dizer que a fabulação de Herberto Sales seja um libelo contra a técnica ou uma apologia à volta ao carro-de-bois. Inútil rugir contra o automóvel, quando se acende a lâmpada elétrica. "A técnica é neutra", afirma Gustavo Corção, num dos seus melhores ensaios. E acrescenta: "Em si mesmo é neutra. Seu valor absoluto só recebe o sinal algébrico, positivo ou negativo, quando a vontade do homem determina o seu uso, e não quando a inteligência determina a sua forma. A bomba atômica, nas suas mais perigosas realizações, com todo o seu portentoso acúmulo de energia, obedece a três ou quatro palavras escritas numa folha de serviço. É um leviatã dócil. Que nem sempre é dócil é o homem que assina a ordem de serviço." (6)

São os que assinam as ordens de serviço que Herberto Sales caricatura em sua antiutopia. Não esconde, o narrador, sua aversão aos tecnocratas, senhores da Ilha. Desfilam eles em todo o roman-

ce, tão só com letreiros na testa, ostentando suas especialidades. Técnicos em sociopsicanálise, em comunicação de massa, em sociodemografia, em urbanismo, em medicina social, em assuntos de prevenção e controle situacional, em planejamento familiar e em tanta coisa mais. Mesmo o Grande Dirigente não tem nome de batismo e, nesse ponto, assemelha-se ao Grande Irmão do romance de Orwell, cópia caricata do "Guia Genial dos Povos", cognome que os comunistas de todo o mundo atribuíram a Stalin, até a retirada de seu cadáver da Praça Vermelha, expurgo póstumo, logo depois do relatório secreto de Krushev. Não é pois de estranhar que somente tenham nome as personagens que não pertencem à nova classe da nova sociedade, mas aquelas que, expulsas das grandes indústrias, voltaram às antigas profissões, que lhes devolveram pelo trabalho manual a dignidade aviltada pela máquina. Em vez do número, o nome: Teodorico, o sapateiro; José, o carpinteiro; Isabel e Maria, donas-de-casa, epíteto que uma civilização de fim de século, na desordem de grotescos feminismos e outros movimentos de desagregação, desmoralização e destruição da família, já considera arcaísmo.

Libelo contra a desumanização da técnica e a massificação social, **O Fruto do Vosso Ventre**, romance escatológico, traz o sinal de advertência. "Em verdade, fui um servo de Deus. Mas o tempo do governo de Deus passou. Em lugar do governo de Deus, instituiu-se a administração dos homens", confessa no capítulo final um ancião, ex-padre, que, temendo a repressão, fecha a porta de sua casa e nega asilo a Maria e José.

Reduzindo-se a fábula às dimensões da realidade, não estamos hoje no vórtice do pandemônio tecnológico, reduzidos a números e siglas como os habitantes da Ilha criada por Herberto Sales? Indagação incômoda. Os tecnocratas não acreditam na ficção, salvo a que eles mesmos engendram, com suas fórmulas de aprendizes de feiticeiro.

- 1) Ed. Civilização Brasileira, Rio, 1976.
- 2) More, Thomas. **A Utopia**, Abril, São Paulo, 1972, pág. 242.
- 3) Bacon, Francis. **Nova Atlântida**, Abril, São Paulo, 1973, pág. 264.
- 4) Carrel, Alexis. **O Homem Perante a Vida**, Ed. Educação Nacional, Porto, 1950, pág. 25.
- 5) Adonias Filho. **Modernos Ficcionalistas Brasileiros**, O Cruzeiro, Rio, 1958, pág. 56.
- 6) Corção, Gustavo. **As Fronteiras da Técnica**, Agir, Rio, 5a. ed. 1963, pág. 14.